



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GOVERNANÇA E GESTÃO
SUBSECRETARIA DE PLANEJAMENTO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA

BOLETIM DE CONJUNTURA

DO RIO GRANDE DO SUL

V. 5 N. 2

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Governador: Eduardo Leite

Vice-Governador: Gabriel Vieira de Souza

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GOVERNANÇA E GESTÃO

Secretário: Danielle Calazans

Secretário Adjunto: Bruno Silveira

Subsecretária de Planejamento: Carolina Mór Scarparo

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA

Diretor: Pedro Tonon Zuanazzi

Divisão de Análise Econômica: Martinho Roberto Lazzari

BOLETIM DE CONJUNTURA DO RIO GRANDE DO SUL

V. 5 N. 2, julho 2023

Porto Alegre, RS

Bol. Conj. RS	Porto Alegre	v. 5	n. 2	p. 1-20	jul. 2023
---------------	--------------	------	------	---------	-----------

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

<https://dee.rs.gov.br/boletim-conjuntura>

Departamento de Economia e Estatística (DEE-SPGG)

Av. Borges de Medeiros, 1501 - 10.º andar

Porto Alegre - RS - 90119-900

Fone: (51) 3288-1196

E-mail: dee@planejamento.rs.gov.br

Homepage: <https://dee.rs.gov.br/inicial>

Diretor: Pedro Tonon Zuanazzi

Chefe da Divisão de Análise Econômica: Martinho Roberto Lazzari

Equipe Técnica: Bruna Kasprzak Borges, Martinho Roberto Lazzari e Tomás Amaral To-rezani

Revisão de Língua Portuguesa: Susana Kerschner

Projeto Gráfico: Vinicius Ximendes Lopes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Boletim de conjuntura do Rio Grande do Sul / Secretaria de Planejamento,
Governança e Gestão, Departamento de Economia e Estatística – V. 1, n.
1, (2019)- . – Porto Alegre: Secretaria de Planejamento, Governança e
Gestão, 2019- .
v. : il.

Trimestral.

1. Condições econômicas. 2. Economia Internacional. 3. Economia –
Brasil. 4. Economia – Rio Grande do Sul. I. Rio Grande do Sul. Secretaria de
Planejamento, Governança e Gestão. Departamento de Economia e
Estatística.

CDU 338.1

Bibliotecário responsável: João Vítor Ditter Wallauer – CRB 10/2016

Publicação periódica trimestral que apresenta uma análise detalhada do desempenho da economia gaúcha no contexto dos mercados nacional e internacional.

SUMÁRIO

SUMÁRIO EXECUTIVO	4
1 CENÁRIO EXTERNO	5
2 CENÁRIO INTERNO — BRASIL	7
2.1 ATIVIDADE ECONÔMICA	7
2.2 INFLAÇÃO, JUROS E CONTAS PÚBLICAS	9
2.3 EXPECTATIVAS DE CRESCIMENTO	11
3 CENÁRIO INTERNO — RS	12
3.1 ATIVIDADE ECONÔMICA	12
3.2 SETOR EXTERNO	14
3.3 MERCADO DE TRABALHO	15
3.4 ARRECADAÇÃO DE ICMS	16
3.5 PERSPECTIVAS	16
PRINCIPAIS INDICADORES MENSAIS	18
REFERÊNCIAS	19

SUMÁRIO EXECUTIVO

A economia mundial apresentou, no 1.º trim./2023, desempenhos mistos em relação ao trimestre imediatamente anterior. Se, por um lado, o avanço da China surpreendeu, com crescimento acima do esperado, por outro, a economia dos Estados Unidos apresentou perda de dinamismo, ao mesmo tempo em que a da Área do Euro entrou em recessão técnica no período. No primeiro caso, o fim das rígidas restrições de mobilidade, ainda por conta da pandemia de COVID-19, impulsionou a demanda interna e a produção, com aumentos do emprego e da renda. No caso norte-americano, a desaceleração da taxa de variação do Produto Interno Bruto (PIB) refletiu o ritmo menor de expansão do investimento. Quanto à segunda retração consecutiva da economia da Área do Euro, os impactos mais importantes vieram das quedas dos consumos das famílias e do Governo.

As perspectivas de um crescimento global mais fraco ajudaram na retração dos preços das *commodities* no mercado internacional. No caso específico dos produtos agrícolas, também contribuíram para a queda as boas perspectivas de produção da maioria das culturas. Os preços mais baixos da energia, assim como a redução das pressões nas cadeias de abastecimento, estão ajudando a reduzir a inflação, embora as pressões inflacionárias permaneçam altas de modo geral. Enquanto a inflação global caiu na maioria das economias nos primeiros meses de 2023, o núcleo da inflação (excluindo alimentos e energia) permanece persistentemente elevado, em função do aumento dos preços dos serviços.

De acordo com o Banco Mundial, a economia global deve permanecer em um estado precário em meio aos efeitos prolongados dos choques negativos sobrepostos da pandemia, do conflito armado na Ucrânia e do forte aperto da política monetária para conter a alta inflação.

Internamente, a economia brasileira apresentou, no primeiro trimestre do ano, expansão de 1,9% na comparação com o trimestre imediatamente anterior, com crescimentos da agropecuária (21,6%) e dos serviços (0,6%) e queda da indústria (-0,1%). Com esse resultado, o nível do PIB encontra-se em patamar 6,4% superior ao do 4.º trim./2019, trimestre imediatamente anterior ao início da pandemia. Em relação ao mesmo trimestre de 2022, a economia brasileira cresceu 4,0%,

com expansão nos três setores: agropecuária (18,8%), indústria (1,9%) e serviços (2,9%).

A inflação continua em desaceleração, com o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) tendo recuado para 3,9% em maio, no acumulado em 12 meses, após ter atingido a máxima de 12,1% em abril de 2022. Contudo os núcleos de inflação, que respondem mais à demanda agregada e à política de juros, permanecem elevados. Pelo lado das contas públicas, houve resultado primário positivo de 0,6% do PIB nos 12 meses finalizados em abril. Nesse mesmo período, a dívida líquida do setor público (DLSP) apresentou alta, fechando em 57,2% do PIB.

Para 2023, segundo o Boletim Focus do Banco Central do Brasil (BCB), as expectativas de crescimento melhoraram de forma consistente após a divulgação do PIB trimestral e dos últimos dados mensais. Espera-se que a economia brasileira cresça 2,1% no ano.

No Rio Grande do Sul, uma nova estiagem e a desaceleração da indústria de transformação, somada à parada técnica da Refinaria Alberto Pasqualini (Refap), resultaram em queda de 0,7% no PIB do Estado, no primeiro trimestre do ano, em relação ao trimestre imediatamente anterior. Na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, no entanto, a economia gaúcha apresentou alta de 1,7%, impulsionada pela agropecuária (13,6%) e pelos serviços (3,3%), com a indústria caindo 7,2%.

O aumento do Valor Adicionado Bruto (VAB) da agropecuária dá-se em razão de a estiagem de 2023 ser menos intensa que a de 2022. Embora ainda menores que as quantidades da safra de 2021, as produções de soja e de milho devem crescer 38,9% e 31,8% em relação a 2022. Por outro lado, a previsão para a produção de arroz é de queda de 8,4%, em função do recuo da área plantada.

Dados mensais da indústria de transformação mostram uma desaceleração da atividade, aumentada pela parada técnica da Refap, pelas férias coletivas na General Motors (GM) nos primeiros meses do ano. Já o comércio vem apresentando uma certa estabilidade, que, de modo geral, perdura desde meados de 2022. De outro lado, os serviços mantêm-se em expansão.

A recuperação parcial da produção agrícola do Estado resultou em aumento das exportações dos bens agropecuários de janeiro a maio. Em relação ao mesmo período de 2022, as vendas externas desses produtos cresceram 14,5%, impulsionadas pelos embarques de soja para a China. Por outro lado, as exportações de

bens industriais recuaram no período, principalmente as das atividades de produtos químicos, couros e calçados e produtos de metal. No total, as exportações apresentaram crescimento de 1,9%.

No mercado de trabalho, o número de ocupados do primeiro trimestre do ano (5.925 mil pessoas) apresentou estabilidade em relação ao trimestre imediatamente anterior, mas aumento (185 mil pessoas) na comparação com o mesmo trimestre de 2022. Ainda segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), a taxa de desocupação foi de 5,4%, uma queda de 2,1 pontos percentuais em relação à do primeiro trimestre do ano anterior. Nessa mesma base de comparação, a massa real de rendimentos cresceu 9,4%, impulsionada pelo aumento tanto das ocupações quanto dos rendimentos médios. No mercado formal de trabalho, o Estado gerou, no acumulado dos 12 meses até maio de 2023, 85.375 novas vagas.

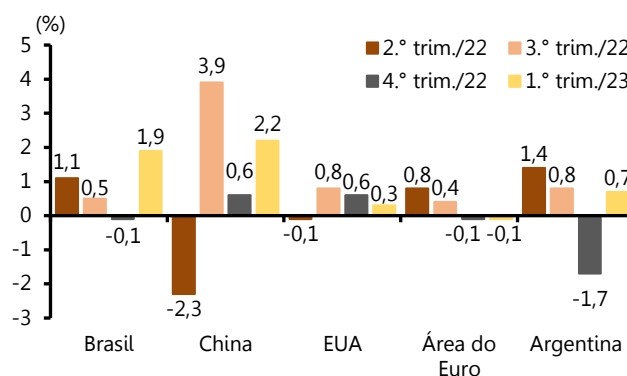
A arrecadação de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) apresentou queda real de 11,7% de janeiro a maio de 2022, quando registrou o valor, a preços constantes, de R\$ 17.683,2 milhões. As principais causas para essa diminuição foram a queda da produção industrial e, principalmente, a redução das alíquotas dos segmentos de combustíveis, energia elétrica e telecomunicações, diminuídas por decreto estadual, de 30% para 25%, e, posteriormente, pela Lei Complementar n.º 194/2022, aprovada pelo Congresso Nacional em junho de 2022, que reduziu as alíquotas de 25% para 17%.

As perspectivas de curto prazo para a economia gaúcha sinalizam, pelo lado da agropecuária, recuperação, mesmo que ainda parcial. A concentração da maior parte da safra de soja nesse período terá um impacto bastante positivo sobre a atividade, pois é o principal produto agrícola do Estado. Já em relação à indústria de transformação e ao comércio, o cenário é mais adverso. No primeiro caso, a tendência de queda contínua da produção, iniciada no começo de 2022, encontra um cenário de baixa confiança dos empresários industriais. Porém, espera-se uma melhora da produção industrial gaúcha nos próximos meses a partir da retomada da produção da Refap após a parada técnica. Quanto ao comércio, a intenção de consumo das famílias ainda se encontra pessimista em relação ao futuro imediato. E o setor dos serviços, que se mantém em crescimento, apresenta um ponto de atenção, qual seja, a desaceleração das taxas na margem, o que pode indicar um cenário menos positivo.

1 CENÁRIO EXTERNO

Os ritmos de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) das principais economias mundiais apresentaram comportamentos mistos no 1.º trim./2023, em relação ao trimestre imediatamente anterior. Enquanto a China registrou uma forte aceleração de 2,2%, observa-se uma perda de dinamismo nos Estados Unidos desde o 3.º trim./2022, ao passo que a Área de Euro entrou em recessão técnica (**Gráfico 1.1**). Já o Brasil e a Argentina viram uma expansão da atividade econômica, após taxas negativas no último trimestre de 2022.

Gráfico 1.1 - Crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) trimestral de economias selecionadas — 2.º trim./2022-1.º trim./2023



Fonte: OECD (2023).

Nota: Taxas em relação ao trimestre anterior. Séries com ajuste sazonal.

O crescimento do produto em 2,2%, na margem, verificado na China, superou as expectativas e resultou em melhores perspectivas para o ano, após o fim das rígidas restrições de mobilidade por conta da pandemia de COVID-19. De acordo com o Departamento Nacional de Estatísticas da China, a economia teve um bom começo em 2023, com a produção e a demanda registrando recuperações, a continuação da elevação na renda das famílias e o emprego e os preços sendo mantidos em patamares relativamente estáveis.

A expansão de 0,3% no PIB dos Estados Unidos fortalece o entendimento de uma desaceleração na economia, após crescer 0,8% no 2.º trim./2022 e 0,6% no trimestre posterior. O resultado nos três primeiros meses de 2023, segundo o Bureau of Economic Analysis, refletiu principalmente as desacelerações no investimento privado em estoque e no investimento fixo não residencial, sendo parcialmente compensados pela aceleração do consumo, pelo aumento das exportações e por uma menor queda do investimento fixo residencial.

Já a economia da Área do Euro entrou em recessão técnica, registrando, no 1.º trim./2023, a mesma retração de 0,1% verificada no trimestre anterior. Houve contribuições negativas da variação de estoques (-0,4 p.p.), do consumo do Governo (-0,3 p.p.) e do consumo das famílias (-0,1 p.p.), enquanto as exportações líquidas (0,7 p.p.) e a Formação Bruta de Capital Fixo (0,1 p.p.) contribuíram positivamente para o resultado agregado. Ao passo que a Alemanha viu sua economia encolher (-0,3%), Itália (0,6%), Espanha (0,5%) e França (0,2%) registraram crescimentos no PIB. Ressalta-se a segunda taxa negativa sucessiva da Alemanha (-0,5% no 4.º trim./2022), indicando uma recessão técnica. Já o produto do Reino Unido cresceu, novamente, 0,1% no 1.º trim./2023.

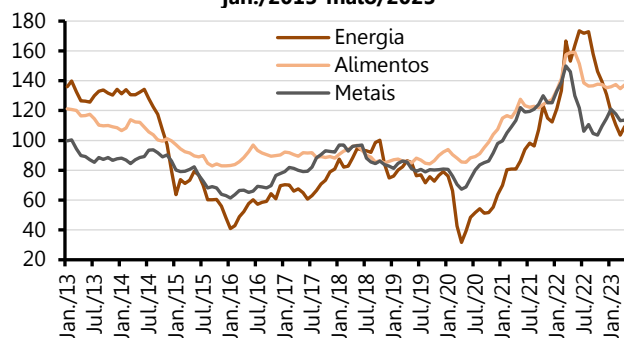
De acordo com o Banco Mundial, a economia global deve permanecer em um estado precário, em meio aos efeitos prolongados dos choques negativos sobrepostos da pandemia, do conflito armado na Ucrânia e do forte aperto da política monetária para conter a alta inflação. A resiliência que atividade econômica global exibiu no 1.º trim./2023 deve desaparecer, pois o crescimento em várias das principais economias foi mais forte do que o previsto no início do ano, por conta da reabertura mais rápida do que o esperado na China e do consumo resiliente nos Estados Unidos, o qual deve sentir mais fortemente o aperto monetário nos próximos trimestres. Em termos setoriais, a melhora no início do ano foi mais aparente no setor de serviços, por conta da recuperação da demanda da China e do consumo dos Estados Unidos, enquanto a demanda por bens duráveis segue fraca, refletindo, em parte, a maior sensibilidade desses gastos às condições financeiras.

A melhora do produto global no início deste ano também foi impulsionada, em certa medida, pela forte queda nos preços de *commodities*, em especial os de energia (**Gráfico 1.2**), estes com uma redução de 44% entre maio de 2023 e junho de 2022, o último pico da série. A queda nos preços de energia é decorrente das perspectivas de crescimento global mais fracas e de um inverno mais quente do que o esperado no Hemisfério Norte, que reduziu o consumo de gás natural e eletricidade. Os preços dos metais aumentaram no início de 2023, refletindo sinais de uma recuperação mais forte do que a prevista na China, mas posteriormente voltaram a arrefecer. Já os preços agrícolas têm diminuído devido às boas perspectivas de produção para a maioria das culturas.

Os preços mais baixos de energia, assim como a redução das pressões nas cadeias de abastecimento,

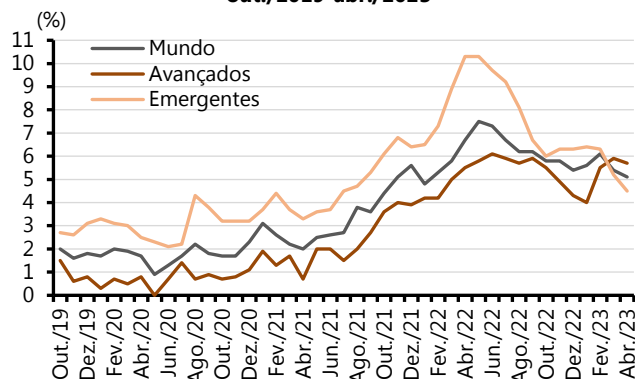
também estão ajudando a reduzir a inflação, embora as pressões inflacionárias permaneçam altas. A mediana da inflação global permaneceu em 7,2% em abril, na comparação interanual, abaixo do pico de 9,4% em julho de 2022. Enquanto a inflação global caiu na maioria das economias nos últimos meses, o núcleo da inflação (excluindo alimentos e energia) permaneceu persistentemente elevado (**Gráfico 1.3**). Pelo núcleo da inflação ser dominado pelos serviços, que tende a variar menos que a inflação de bens e por serem reajustados com menos frequência, sua resiliência reflete, em certa medida, a normalização em curso dos padrões de demanda (recuperação da demanda por serviços e diminuição da demanda de bens, sobretudo duráveis) após as mudanças de composição observadas no início da pandemia. Por um lado, o núcleo da inflação nas economias emergentes desacelerou um pouco nos últimos meses, por outro aumentou nas economias avançadas. As projeções indicam que a inflação global deverá permanecer acima do nível pré-pandêmico para além de 2024.

Gráfico 1.2 - Índice de preço de grupos de *commodities* — jan./2013-maio/2023



Fonte: Banco Mundial (WORLD BANK, 2023a).
Nota: Os índices (US\$ nominal) têm como base 2010 = 100.

Gráfico 1.3 - Mediana de três meses do núcleo da inflação no mundo e nas economias avançadas e emergentes — out./2019-abr./2023



Fonte: Banco Mundial (WORLD BANK, 2023).
Nota: 1. A amostra inclui 31 economias avançadas e 40 economias emergentes.
2. Taxa anualizada.

A reabertura total da China antes do esperado impulsionou a atividade econômica global, embora ela permaneça frágil e incerta. Apesar da forte recuperação projetada na China em 2023, espera-se um arrefecimento da atividade global, particularmente por causa de uma desaceleração pronunciada nas economias avançadas, em especial na Área do Euro e nos Estados Unidos, onde a debilidade deve-se estender em 2024 (**Tabela 1.1**). Por outro lado, espera-se que as condições financeiras globais mais apertadas e a moderação da demanda externa afetem o crescimento das economias emergentes. Ademais, grande parte do crescimento global em 2023-24 deve continuar desproporcionalmente vindo da Ásia, ficando o crescimento da atividade econômica global amplamente dependente da economia chinesa.

Tabela 1.1 - Projeções do Banco Mundial para o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) no mundo e em economias selecionadas

PIB	PROJEÇÕES DE JUN/23 (%)			DIFERENÇA QUANTO A JAN/23 (p.p.)	
	2022	2023	2024	2023	2024
MUNDO	3,1	2,1	2,4	0,4	-0,3
Economias avançadas	2,6	0,7	1,2	0,2	-0,4
Estados Unidos	2,1	1,1	0,8	0,6	-0,8
Área do Euro	3,5	0,4	1,3	0,4	-0,3
Japão	1,0	0,8	0,7	-0,2	0,0
Economias emergentes	3,7	4,0	3,9	0,6	-0,2
Brasil	2,9	1,2	1,4	0,4	-0,6
Argentina	5,2	-2,0	2,3	-4,0	0,3
China	3,0	5,6	4,6	1,3	-0,4
Índia	7,2	6,3	6,4	-0,3	0,3
Rússia	-2,1	-0,2	1,2	3,1	-0,4

Fonte: Banco Mundial (WORLD BANK, 2023).

A possível desaceleração global em 2023 e em 2024 decorre tanto da própria dinâmica cíclica quanto da atual tendência de declínio do crescimento do produto potencial global. O impacto das taxas de juros mais altas em todo o mundo está sendo cada vez mais sentido, sobretudo nos mercados imobiliário e financeiro. Os recentes episódios de estresse do setor bancário tendem a restringir ainda mais as condições de crédito, afetando negativamente a atividade econômica ao longo do ano. Outros riscos e vulnerabilidade pesam para a retomada da atividade econômica global, entre as quais, o conflito no Leste Europeu, a persistência da inflação, os mercados de trabalho mais fracos, a dívida elevada e as consequentes posturas fiscais mais rígidas, o não desaparecimento dos riscos no mercado de energia, bem como tensões geopolíticas e comerciais.

2 CENÁRIO INTERNO — BRASIL

2.1 ATIVIDADE ECONÔMICA

O PIB avançou 1,9% no primeiro trimestre de 2023, na comparação com o trimestre anterior, na série livre de efeitos sazonais, refletindo o desempenho da agropecuária (21,6%) e dos serviços (0,6%), pois a indústria apresentou leve recuo (-0,1%) (**Tabela 2.1**). Em relação ao pico anterior à crise de 2014-16, no 1.º trim./2014, o nível do volume do PIB está em patamar 3,3% superior e, em relação ao 4.º trim./2019, isto é, antes dos efeitos da pandemia, está 6,4% acima (**Gráfico 2.1**). Na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, a expansão foi de 4,0%, refletindo, pelo lado da produção, o excelente desempenho da agropecuária e o resultado positivo da indústria e dos serviços. Já pela ótica da demanda, todos os componentes avançaram na comparação interanual. Com as exportações líquidas voltando a registrar contribuição positiva para o resultado do PIB. O consumo das famílias teve crescimento na margem e interanual, ainda que o seu elevado endividamento dificulte maior expansão. O consumo do Governo, que se elevou 1,2%, superior ao do mesmo período do ano passado, avançou 0,3% na comparação com ajuste sazonal. Por fim, a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) registrou queda de 3,4% na margem e crescimento de 0,8% na comparação interanual (**Gráfico 2.1**).

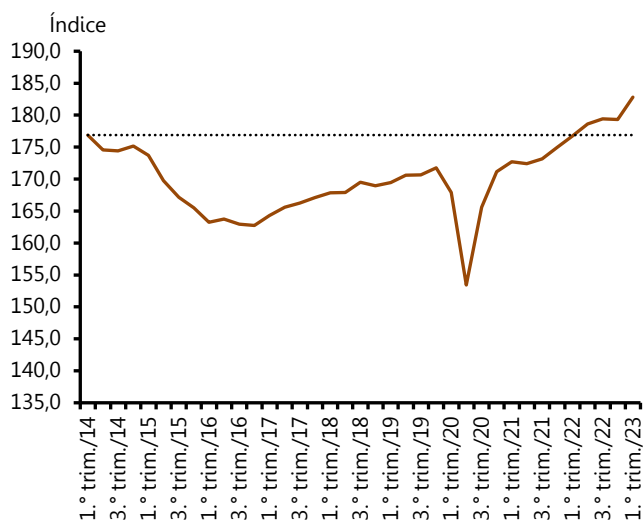
Tabela 2.1 - Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil pelas óticas da oferta e da demanda — 1.º trim./2023

ATIVIDADES	1.º TRIM/2023	
	4.º TRIM/2022 (1)	1.º TRIM/2022
PIB	1,9	4,0
Ótica da oferta		
Impostos	-	3,0
VAB	2,5	4,1
Agropecuária	21,6	18,8
Indústria	-0,1	1,9
Serviços	0,6	2,9
Ótica da demanda		
Consumo das famílias	0,2	3,5
Consumo do Governo	0,3	1,2
Formação Bruta de Capital Fixo	-3,4	0,8
Exportações	-0,4	7,0
Importações	-7,1	2,2

Fonte dos dados brutos: Contas Nacionais Trimestrais (IBGE, 2023g).
(1) Com ajuste sazonal.

Entre as atividades descritas na **Tabela 2.1**, na comparação com o trimestre imediatamente anterior e removidos os efeitos sazonais, houve alta na agropecuária (21,6%) e nos serviços (0,6%) e retração apenas a indústria (-0,1%). Na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, houve crescimento na indústria (1,9%), nos serviços (2,9%) e na agropecuária (21,6%).

Gráfico 2.1 - Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil — 1.º trim./2014-1.º trim./2023



Fonte dos dados brutos: Contas Nacionais Trimestrais (IBGE, 2023g).
Nota: Os índices têm como base a média de 1995 = 100.

Setorialmente, o PIB da agropecuária registrou expressivo crescimento de 21,6% no primeiro trimestre, em relação ao trimestre anterior, e de 18,8% na comparação interanual. Com esse resultado, no acumulado em quatro trimestres, houve elevação de 6,0%. De acordo com o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), o resultado interanual foi explicado, em grande medida, pelo forte crescimento da produção de soja, com estimativa de elevação de 24,0% ante à safra de 2022. Contribuíram, também, positivamente, outras lavouras com peso relevante no trimestre: cana-de-açúcar (6,6%), fumo (2,6%) e mandioca (1,1%). A exceção ficou por conta da produção de arroz, com queda de 5,6% na estimativa de produção anual.

O setor industrial recuou 0,1% sobre o período anterior, na série com ajuste sazonal, enquanto, na comparação interanual, registrou alta de 1,9%, acumulando um crescimento de 2,4% em quatro trimestres. Desde o segundo semestre do ano anterior, tem ocorrido um arrefecimento da atividade, considerando a sensibilidade do setor à política monetária contracionista, que impacta as condições financeiras e o custo do crédito, mesmo com a normalização das cadeias de suprimen-

tos após a pandemia e a redução dos custos das matérias-primas. Apesar desse resultado, o Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) foi positivo em junho, após três meses em queda. Ao longo do ano, o ICEI vem oscilando entre os estados de confiança e falta de confiança, indicando que a incerteza tem sido predominante entre os empresários. Entre os componentes da indústria, enquanto as indústrias extrativas (2,3%) e o segmento de eletricidade e gás, água e esgoto (1,7%) mantiveram trajetória de crescimento, a indústria de transformação (-0,6%) e a construção (-0,8%) registraram quedas na comparação com o último trimestre de 2022. Em relação ao resultado acumulado em quatro trimestres, os destaques positivos ficaram por conta da construção (5,3%) e da atividade eletricidade e gás, água, esgoto e atividades de gestão de resíduos (9,4%).

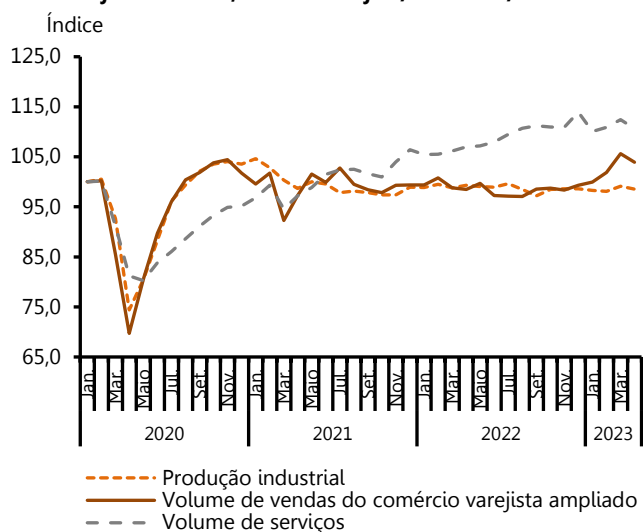
Os serviços cresceram 0,6% na margem e 2,9% na comparação interanual, beneficiados pelos efeitos de encadeamento do excelente desempenho da agropecuária. Os destaques positivos ficaram por conta dos serviços financeiros e dos serviços de transporte, ambos com alta de 1,2% na margem. No acumulado em quatro trimestres, o segmento outras atividades de serviços (inclui os serviços para as famílias) e o de transporte, armazenagem e correio registraram os melhores resultados, com altas de, respectivamente, 9,1% e 7,5%.

Sob a ótica da demanda interna, a Formação Bruta de Capital Fixo registrou queda de 3,4% na margem e crescimento de 0,8% na comparação interanual. Destaca-se, entre seus componentes, que os investimentos em máquinas e equipamentos foram afetados pela queda ocorrida na produção de caminhões em razão da elevação dos preços após a introdução de uma nova tecnologia de poluentes. O consumo das famílias avançou 0,2% na comparação com o trimestre anterior, 3,5% na comparação interanual e 4,5% no acumulado em quatro trimestres. O arrefecimento nesse componente está vinculado ao encarecimento do crédito, ao aumento do endividamento e à acomodação ocorrida no mercado de trabalho nos últimos meses. O alívio na inflação de alimentos e combustíveis e os reajustes salariais contribuíram para manter o consumo das famílias. Por sua vez, o consumo do Governo avançou 0,3% contra o trimestre anterior e 1,2% contra o mesmo período do ano anterior, acumulando um crescimento de 0,9% nos últimos quatro trimestres. No setor externo, a expansão nas exportações de bens e serviços atingiu 7,0%, influenciada pela extração de petróleo e gás, produtos alimentícios, extração de minerais, derivados do

petróleo e serviços. Considerando que as importações cresceram em menor medida (2,2%), as exportações líquidas contribuíram para o resultado positivo do PIB.

Analisando os indicadores em frequência mensal divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o setor de serviços recuou 1,6% em abril, comparativamente a março, mas avançou 2,7% na comparação interanual, a 26.^a taxa positiva consecutiva, mas que vem mostrando sinais de desaceleração. O segmento de serviços de tecnologia da informação e do comércio eletrônico, que cresceu acentuadamente durante a pandemia, vem tendo taxas de crescimento menos intensas, que acabam impactando o resultado geral do setor. Por sua vez, o setor de transportes de cargas, após ter alcançado o maior valor da série em mar./2023, apresentou recuo em abril, na margem (-3,4%), mas ainda assim está 34,9% acima do nível pré-pandemia (fev./2020). Em abril, a indústria nacional recuou 0,6% na margem e 2,7% na base interanual. Incertezas sobre a conjuntura econômica, aliadas ao efeito defasado da taxa de juros elevada, contribuem para que decisões de investimento sejam tomadas com cautela. As vendas no comércio varejista ampliado, no País, caíram 1,6% na passagem de março para abril, enquanto avançaram 5,5% na base interanual. Os setores de vestuário e calçados, equipamentos e materiais de escritório e informática e veículos e suas peças tiveram a maior influência negativa no mês (**Gráfico 2.2**).

Gráfico 2.2 - Produção industrial, volume de vendas do comércio varejista ampliado e volume de serviços, com ajuste sazonal, no Brasil — jan./2020-abr./2023



Fonte: Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (IBGE, 2023c).
 Pesquisa Mensal do Comércio (IBGE, 2023d).
 Pesquisa Mensal dos Serviços (IBGE, 2023e).
 Nota: Os índices têm como base jan./2020 = 100.

2.2 INFLAÇÃO, JUROS E CONTAS PÚBLICAS

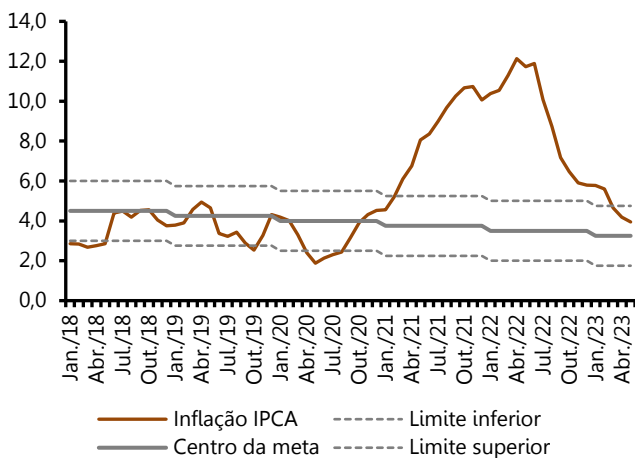
A inflação no Brasil continua em desaceleração com o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) tendo recuado para 3,9% em maio, no acumulado em 12 meses, após ter atingido a máxima de 12,1% em abr./2022. Com esse resultado, atualmente a inflação estaria dentro da meta definida pelo Conselho Monetário Nacional para 2023 (limite superior de 4,5% e centro da meta de 3,25%) — **Gráfico 2.3**. Em maio, o IPCA avançou 0,23%, com os resultados dos grupos de transportes (-0,57%), em especial o recuo nos preços das passagens aéreas (-17,73%) e dos combustíveis (-1,82%), e o de artigos de residência (-0,23%), os únicos a registrarem queda no IPCA do mês. A desaceleração do índice em maio também foi influenciada pelo resultado do grupo de alimentação e bebidas — maior peso no índice —, que passou de 0,71% em abril para 0,16% em maio. Essa queda recente é, em parte, concentrada nos itens afetados pelas medidas de desoneração tributária que vem sendo parcialmente revertidos, enquanto o núcleo da inflação, que identifica o componente generalizado de aumento de preços desconsiderando as variações extremas, continua elevado. Ainda no acumulado em 12 meses, a média dos núcleos de inflação desacelerou, passando de 8,45% em fevereiro para 6,72% em maio, refletindo, em parte, que a média dos núcleos é menos afetada pelas medidas de desoneração tributária de 2022 e pela queda dos preços internacionais do petróleo e de derivados.

Ainda no âmbito doméstico, os preços da indústria medidos pelo Índice de Preços ao Produtor (IPP), que mede os preços “na porta de fábrica”, sem impostos e fretes, tiveram variação negativa pelo quarto mês consecutivo, retraindo-se 3,07% de abril para maio. Nessa comparação, 20 das 24 atividades industriais tiveram queda de preços. O IPP acumula queda de 9,20% em 12 meses e de 4,04% no acumulado do ano. Entre as atividades analisadas, as quatro variações mais intensas foram: refino de petróleo e biocombustíveis (-10,47%), indústrias extrativas (-9,32%), outros produtos químicos (-5,78%) e papel e celulose (-5,51%). A apreciação do real em relação ao dólar diminuiu o custo das matérias-primas em moeda local, fazendo com que a redução dos preços seja mais disseminada entre as atividades industriais.

De acordo com a divulgação do resultado da última reunião do Comitê de Política Econômica (Copom), de junho deste ano, que manteve a taxa Selic inalterada, o Banco Central do Brasil (BCB) aponta que

as expectativas de inflação futura recuaram. A apreciação do real também vem favorecendo um menor repasse do câmbio para os preços internos (*pass-through* cambial). Contudo, na avaliação do Banco Central, os núcleos de inflação, que respondem mais à demanda agregada e à política de juros, permanecem elevados. A autoridade monetária avalia ainda que a apreciação do real e a queda nos preços ao produtor, tanto agrícolas quanto industriais, sugerem continuidade nesse movimento nos próximos meses. Contudo, pontua que houve elevação da inflação subjacente de serviços no trimestre, em linha com o cenário de desinflação mais lenta no segmento. No balanço de riscos de alta para a inflação, o BCB destaca a persistência das pressões inflacionárias globais e alguma incerteza residual sobre o arcabouço fiscal e a trajetória da dívida pública e uma desancoragem mais longa das expectativas de inflação. No cenário de baixa, uma queda adicional dos preços das *commodities* em reais, uma desaceleração da economia mundial mais acentuada do que a projetada, bem como na concessão doméstica de crédito.

Gráfico 2.3 - Variação percentual do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) acumulado em 12 meses e metas de inflação no Brasil — jan./2017-maio/2023



Fonte dos dados brutos: IBGE (2023).

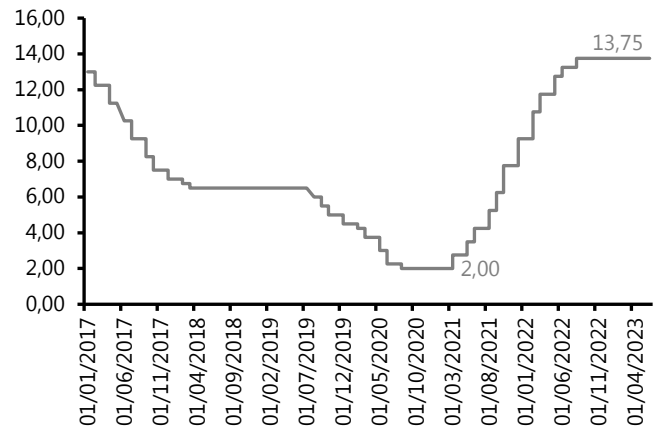
Banco Central do Brasil (2023).

A escalada do nível de preços em 2021 foi acompanhada por uma política monetária contracionista, implementada pelo Banco Central, com aumentos sucessivos na taxa de juros até o atual patamar de 13,75%, mantido inalterado desde ago./2022 (**Gráficos 2.3 e 2.4**). De acordo com o Relatório Focus, o mercado espera que a inflação feche os anos de 2023 e 2024, respectivamente, em 5,06% e 3,98%, ficando dentro do intervalo da meta apenas em 2024. Nos mesmos pe-

¹ O setor público consolidado corresponde ao Governo Federal (inclusive Previdência Social), aos governos estaduais e municipais, ao Banco Central e às empresas estatais (exceto Petrobras e Eletrobras).

ríodos, a expectativa do mercado aponta para a Selic em 12,25% e em 9,50%.

Gráfico 2.4 - Meta para taxa Selic — jan./2017-jun./2023



Fonte dos dados brutos: Banco Central do Brasil (2023).

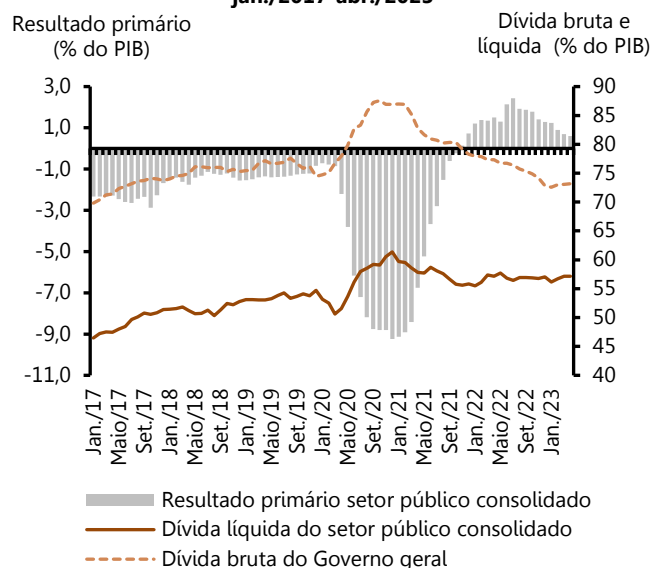
No lado fiscal, em 2021 e 2022, os déficits primários foram convertidos em superávits, ou seja, o Governo gastou menos do que arrecadou sem contar os juros da dívida pública. O superávit primário do setor público consolidado, em 2021 e 2022, foi de, respectivamente, 0,7% para 1,3% do PIB¹, o primeiro biênio de resultado primário positivo desde 2012-13. Em abril de 2023, o resultado primário do setor público foi de 0,6% do PIB no acumulado em 12 meses, o 18.º resultado positivo consecutivo, mas com tendência de queda desde jul./22 (**Gráfico 2.5**). Nesse mesmo período, a dívida líquida do setor público (DLSP) apresentou alta, passando de 55,6% para 57,2% do PIB. Em 2022, os resultados positivos das contas públicas, aliados ao crescimento do PIB, propiciaram redução da razão dívida bruta do Governo geral (DBGG) em relação ao PIB, porém invertendo a tendência de redução e voltando a crescer, fechando em 73,2%, em abril². Contudo, a expectativa de continuidade da dinâmica favorável da relação dívida/PIB continua mostrando sinais de deterioração desde o ano anterior. O Relatório Focus de 23 de junho de 2023 mostra que as expectativas de mercado, em percentual do PIB, para o resultado primário dos anos de 2023, 2024 e 2025 são de, respectivamente, -1,01%, -0,80% e -0,45%. A dívida líquida projetada, de acordo com o mesmo documento, é de 60,47%, 63,90% e 65,50% nos mesmos anos.

A apresentação e a tramitação do arcabouço fiscal reduziram substancialmente a incerteza em torno do

² O Governo geral, cuja abrangência é mais restrita, inclui apenas o Governo Federal (inclusive previdência social), os governos estaduais e os governos municipais.

risco fiscal, porém os desafios para o cumprimento das metas estipuladas para o resultado primário (receitas menos despesas sem os juros da dívida pública) impactaram as projeções.

Gráfico 2.5 - Resultado primário acumulado em 12 meses e estoques da dívida bruta e dívida líquida no Brasil — jan./2017-abr./2023



Fonte dos dados brutos: Banco Central do Brasil (2023).

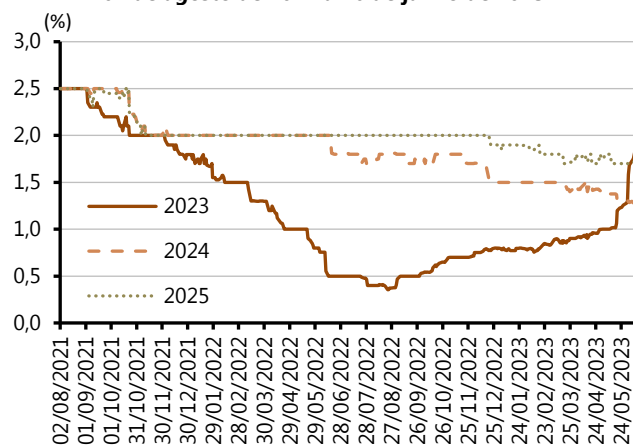
Com o encaminhamento das discussões sobre o arcabouço fiscal, emergiu no debate com mais intensidade o tema da Reforma Tributária. Com o empenho do Governo para dar prosseguimento à proposta, foi aprovado o texto-base na Câmara dos Deputados dia sete de julho de 2023. De forma geral, a contribuição para o Programa de Integração Social (PIS) e a Contribuição para Financiamento da Seguridade Social (Cofins), o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), o ICMS e o Impostos Sobre Serviços (ISS) serão substituídos por uma versão subnacional de um imposto sobre valor agregado (IVA). Uma lei complementar criará o Imposto sobre Bens e Serviços (IBS) — para englobar o ICMS e o ISS — e a Contribuição sobre Bens e Serviços (CBS) para substituir o IPI, o PIS, o PIS-Importação, a Cofins e a Cofins-Importação. As características gerais do novo imposto são base de incidência ampla, não cumulatividade plena e adoção do princípio do destino (imposto pertence à jurisdição em que se dá o consumo e não onde ocorre a produção ou a prestação de serviços, como no caso atual do ICMS e do ISS). A gestão é compartilhada com estados e municípios, preservando-se a autonomia de cada ente federativo para adotar uma alíquota diferente da referência. Esse novo modelo de tributação de bens e serviços teria como

objetivo ter impactos neutros sobre o total da carga tributária, bem como sobre as respectivas fatias da União, dos estados e dos municípios. Assim, a mesma receita (em proporção do produto) seria distribuída para os três níveis da Federação. Haverá uma fase de transição para implementação da Reforma, que vai durar de 2026 a 2032. De acordo com estimativas do IPEA (2023), na prática, o duplo efeito distributivo teria potencial de reduzir a diferença entre a maior e a menor receita *per capita* de ISS mais ICMS de 200 vezes para 15 vezes, além de reduzir o grau de desigualdade geral das receitas municipais (incluindo não só os dois impostos, mas todos os demais tributos e transferências correntes) em 22%, medidos pela queda no índice de Gini. Agora, o texto segue para o Senado, para ser votado no segundo semestre. Apesar da aprovação na Câmara, ainda permanecem dúvidas sobre os impactos estimados da Reforma Tributária.

2.3 EXPECTATIVAS DE CRESCIMENTO

As expectativas de crescimento do mercado para o PIB de 2023 melhoraram de forma consistente. Dados do Sistema de Expectativas do Banco Central de 16 de junho de 2023 mostram que as expectativas de fechamento do ano para o PIB são de 2,1% para 2023 e 1,2% para 2024 (**Gráfico 2.6**).

Gráfico 2.6 - Expectativas de crescimento para 2022, 2023 e 2024 do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil — 02 de agosto de 2021 a 16 de junho de 2023



Fonte dos dados brutos: Banco Central do Brasil (2023a).

Os indicadores de atividade econômica doméstica mostram sinais de desaceleração nos setores mais sensíveis ao ciclo econômico. Com o fim da colheita da safra de soja, concentrada no primeiro trimestre, efeitos de moderação no crescimento de outros setores tendem a se aprofundar. O mercado de trabalho, após um

período de relativa acomodação, voltou a apresentar maior dinamismo. A expansão da ocupação, combinada à retração da força de trabalho, vem possibilitando novos recuos da taxa de desocupação.

Apesar do processo desinflacionário estar ocorrendo com maior velocidade, o fim do aperto monetário e o início do ciclo de corte de juros ainda não ocorreram, de acordo com o Banco Central, em razão da manutenção de pressões no núcleo da inflação e da desancoragem das expectativas no longo prazo. A avaliação do Copom foi de que a continuação do processo desinflacionário em curso, com impacto sobre as expectativas, pode permitir o início do processo parcimonioso de inflexão na próxima reunião.

No ambiente externo, persiste o temor de desaceleração econômica, influenciada pelo aperto da política monetária em países avançados e emergentes com potencial de impacto sobre os preços das *commodities*.

3 CENÁRIO INTERNO — RS

3.1 ATIVIDADE ECONÔMICA

No 1.º trim./2023, o PIB do Rio Grande do Sul apresentou queda de 0,7% na comparação com o trimestre imediatamente anterior, na série com ajuste sazonal (**Tabela 3.1**). Essa redução no produto agregado, ocorrida após duas altas seguidas, foi determinada pelos desempenhos negativos da agropecuária (-21,3%) e da indústria (-4,4%), com os serviços apresentando uma pequena expansão (0,3%). No caso da agropecuária, a estiagem e a redução da área plantada de arroz tiveram um impacto negativo na produção agrícola, em comparação com o 4.º trim./2022, que registrou uma produção recorde de trigo. Na indústria, a atividade que mais impactou o resultado negativo do setor foi a indústria de transformação, cuja diminuição da produção física foi determinada, em grande parte, pela parada técnica da Refinaria Alberto Pasqualini (Refap) para manutenção e troca de equipamentos, e por férias coletivas em fevereiro que afetaram a produção da General Motors (GM). Nos serviços, por outro lado, o principal destaque positivo foi o crescimento das vendas do comércio.

Tabela 3.1 - Variação do Produto Interno Bruto (PIB), dos impostos e do Valor Adicionado Bruto (VAB), total e por atividades, do Rio Grande do Sul — 1.º trim./2023

ATIVIDADES	1.º TRIM./2023	
	4.º TRIM./2022 ⁽¹⁾	1.º TRIM./2022
PIB	-0,7	1,7
Impostos	-	-0,5
VAB	-0,5	2,0
Agropecuária	-21,3	13,6
Indústria	-4,4	-7,2
Serviços	0,3	3,3

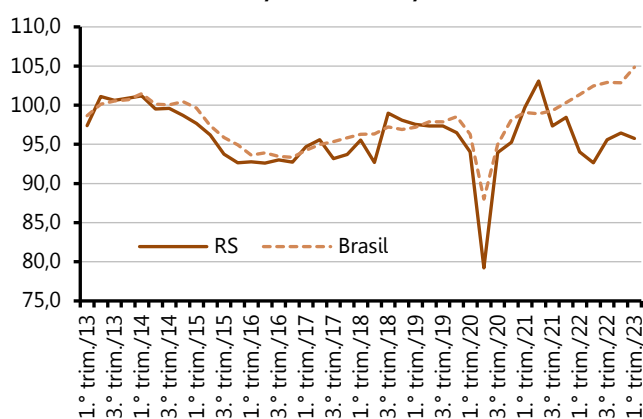
Fonte: SPGG-RS/DEE (RIO GRANDE DO SUL, 2023a).
(1) Com ajuste sazonal.

Já em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, a economia gaúcha apresentou expansão de 1,7%, a primeira após quatro trimestres consecutivos de queda. Nessa base de comparação, houve crescimento da agropecuária (13,6%) e dos serviços (3,3%), com a indústria caindo 7,2%. No Setor Primário, o crescimento da produção agrícola veio após a forte estiagem de 2022. Embora uma nova estiagem tenha atingido o território gaúcho durante o último verão, com impactos negativos sobre a produtividade, as produções de soja, milho e uva foram superiores às de 2022, caracterizando, portanto, uma recuperação apenas parcial

dessas culturas. A alta dos serviços teve seus principais alicerces nas variações positivas das atividades do comércio, outros serviços e serviços de informação.

Quanto ao nível do volume do PIB, a redução ocorrida na margem resultou na interrupção do avanço ocorrido nos dois trimestres anteriores, na sequência da passagem dos principais efeitos da estiagem de 2022 sobre a economia (**Gráfico 3.1**). Com isso, o nível do 1.º trim./2023 encontra-se 7,1% abaixo do pico histórico, que foi registrado no 2.º trim./2021, período marcado pela maior safra de soja da história no Estado.

Gráfico 3.1 - Índice do volume do Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul e do Brasil — 1.º trim./2013-1.º trim./2023



Fonte: SPGG-RS/DEE (RIO GRANDE DO SUL, 2023a).
Contas Nacionais Trimestrais (IBGE, 2022g).

Nota: 1. Os índices têm como base a média de 2013 = 100.
2. Série com ajuste sazonal.

A safra agrícola de 2023 foi novamente prejudicada por uma estiagem, a terceira em quatro anos. Entretanto, como foi de menor intensidade que a do ano anterior, a produção da agricultura do Estado apresentou recuperação, mesmo que parcial (**Tabela 3.2**). Dos principais produtos agrícolas do primeiro trimestre do ano, houve expansão da quantidade em três deles: soja, milho e uva. Todos apresentaram aumentos de produção em relação ao ano anterior, embora as quantidades ainda estejam em níveis inferiores aos da safra de 2021. No caso da soja, a quantidade colhida em 2023 é 36,5% menor que a do último ano sem estiagem, enquanto a do milho é 9,9% inferior.

De outro lado, as produções de arroz e fumo encolheram em 2023, na comparação com a safra de 2022. A queda mais importante foi a do cereal, que é explicada pela redução da área plantada (-10,4%), movimento que se tem intensificado desde 2015, em meio ao processo de troca de culturas, do arroz para a soja. A área atual, de 857.896 hectares, é a menor desde 1997.

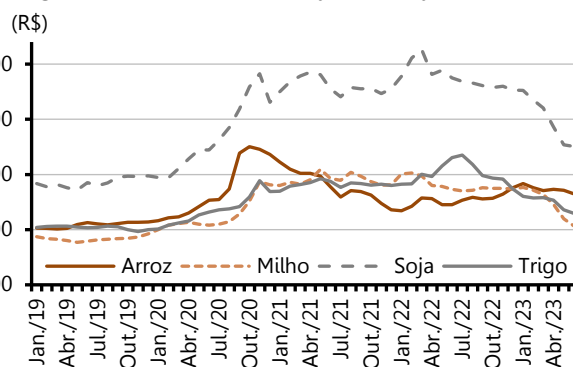
Tabela 3.2 - Variação da área plantada, da quantidade produzida e do rendimento médio dos principais produtos agrícolas do Rio Grande do Sul — 2023/2022

PRODUTOS	ÁREA PLANTADA (ha)	QUANTIDADE PRODUZIDA (t)	RENDIMENTO MÉDIO (t/ha)
Arroz	-10,4	-8,4	2,2
Soja	4,2	38,9	33,3
Milho	5,0	31,8	25,5
Fumo	-0,7	-1,3	-0,6
Uva	-0,3	20,4	20,8

Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) (IBGE,2023b).

Em relação aos preços, após passarem por significativo crescimento em meados de 2020 e se manterem em patamares relativamente elevados até o final de 2022, os dos principais grãos produzidos no Estado, com a exceção do arroz, perderam sustentação, apresentando reduções importantes ao longo do primeiro semestre de 2023 (**Gráfico 3.2**). A redução dos preços das *commodities* agrícolas no mercado internacional, em função do aumento da oferta mundial, explica a diminuição desses preços internamente. Os preços médios de janeiro a junho do milho, da soja e do trigo tiveram quedas de 21,9%, 23,8% e 25,9% em relação ao mesmo período de 2022, respectivamente. O preço médio do arroz, por outro lado, cresceu 18,0% nessa base de comparação, impulsionado pela menor oferta interna.

Gráfico 3.2 - Evolução dos preços reais do arroz, milho, soja e trigo no Rio Grande do Sul — jan./2019-jun./2023



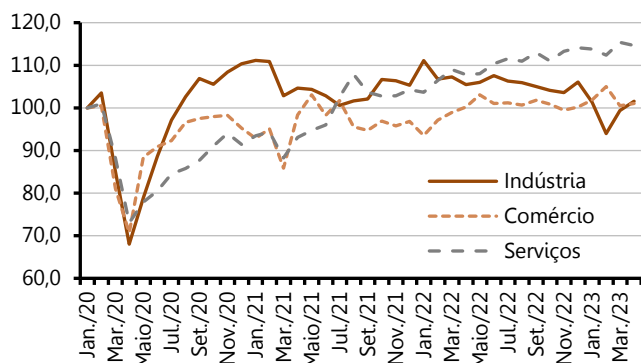
Fonte: Emater-RS (2023).

Nota: Valores constantes a preços de março/23, corrigidos pelo IPCA.

Na análise dos dados conjunturais mensais, a produção industrial do Rio Grande do Sul apresentou redução de 5,4% nos quatro primeiros meses do ano, na comparação com o último quadrimestre do ano anterior (**Gráfico 3.3**). Esse movimento está dentro de um contexto de desaceleração da indústria de transformação do Estado, que teve início ainda no começo de 2022. Em relação ao mesmo período do ano anterior, a

produção de janeiro a abril de 2023 também apresentou queda, de 8,0%.

Gráfico 3.3 - Índice da produção física da indústria de transformação, do volume de vendas do comércio varejista ampliado e do volume dos serviços do Rio Grande do Sul — jan./2020-abr./2023



Fonte: Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF) (IBGE, 2023c).
Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) (IBGE, 2023d).
Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) (IBGE, 2023e).
Nota: 1. Os índices têm como base jan./2020 = 100.
2. Série com ajuste sazonal.

Ainda nessa base de comparação, as atividades industriais que apresentaram as maiores quedas foram a de derivados de petróleo (-28,6%), metalurgia (-18,9%), produtos de metal (-13,6%), produtos químicos (-11,4%), produtos de borracha e plástico (-8,0%), veículos automotores (-7,7%) e produtos alimentícios (-5,5%). No primeiro caso, a redução expressiva da produção foi resultado de uma parada técnica na Refinaria Alberto Pasqualini para manutenção e troca de equipamentos. Outra parada que afetou a produção industrial do Estado foi a relacionada com as férias coletivas que a General Motors deu a seus funcionários em fevereiro, visando adequar a oferta à demanda de automóveis. A menor produção dessa atividade, juntamente com a redução observada na atividade de produtos de metal, influenciada pela redução das exportações de armas, ocasionou a menor produção da atividade metalúrgica, fornecedora de metais para as duas primeiras. A indústria química produziu menos em função da queda das exportações, notadamente para a Argentina. Já a redução das quantidades produzidas pela atividade de produtos de borracha e plástico está relacionada com a menor demanda do setor automotivo. Finalmente, a atividade de alimentos produziu menos carnes e arroz beneficiado, neste último caso em função da queda da produção do cereal. De outro lado, apresentaram crescimento as atividades de bebidas (14,2%), influenciada pela maior safra de uvas para produção de vinhos, de produtos de minerais não metálicos (2,6%) e de móveis (0,4%).

Ao contrário da indústria, o comércio e os serviços apresentaram taxas positivas de crescimento no período de janeiro e abril, tanto na margem, quanto na comparação com igual intervalo de 2022. No primeiro caso, a expansão, em relação aos quatro últimos meses do ano anterior, foi de 1,5% e de 4,8% na taxa interanual. Para a expansão do comércio nesta última base de comparação, as mais importantes elevações vieram dos segmentos de combustíveis e lubrificantes (22,7%), veículos, motocicletas, partes e peças (11,6%) e artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (4,4%). Sobre o crescimento das vendas de veículos em comparação com a queda na produção, é importante notar que, apesar do aumento do consumo, permanece um descompasso entre a capacidade produtiva da indústria automotiva e os níveis atuais de vendas, que ainda se encontram abaixo dos níveis registrados nos meses anteriores ao início da pandemia de COVID-19. Na busca pela adequação dos estoques, a indústria vem produzindo menos ao longo do ano, abrindo mão, inclusive, de paradas ou férias coletivas.

Nos primeiros meses de 2023, os serviços mantiveram sua tendência de alta verificada desde o começo de 2022. Na margem, cresceram 1,1%, e na comparação contra igual período de 2022, as vendas de janeiro a abril, apresentaram expansão de 6,8%. De forma desagregada, todas as cinco atividades apresentaram crescimento nesta última base de comparação: serviços prestados às famílias (19,8%), serviços de informação e comunicação (7,1%), serviços profissionais, administrativos e complementares (5,5%), transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (15,6%) e outros serviços (4,1%).

3.2 SETOR EXTERNO

Entre janeiro e maio de 2023, as exportações do Estado registraram o valor de US\$ 8.526,7 milhões, montante 1,9% maior que o alcançado no mesmo período de 2022 (**Tabela 3.3**). Setorialmente, ocorreu crescimento das vendas de produtos agropecuários e decréscimo das exportações de produtos industriais.

A partir da maior produção agrícola de 2023, na comparação com o ano anterior, as exportações de produtos da atividade agropecuária cresceram 14,5% entre janeiro e maio de 2023, principalmente pelo aumento das vendas de soja em grão, que expandiu 42,5% no período. Ao contrário do total da agropecuária, as exportações industriais apresentaram redu-

ção nos primeiros cinco meses do ano, com as principais quedas, entre as 10 maiores atividades exportadoras, ocorrendo nas vendas ligadas às atividades de fabricação de produtos químicos (-28,8%), de couros e calçados (-11,1%) e de produtos de metal (-3,6%).

Tabela 3.3 - Valor das exportações, total e por atividades econômicas, e variações em relação ao mesmo período do ano anterior no Rio Grande do Sul — jan.-maio/2023

ATIVIDADES	VALOR (US\$ 1.000)		Δ%
	Jan.- Maio/2022	Jan.- Maio/2023	
Produtos alimentícios	2.273.388,3	2.413.594,3	6,2
Produtos agropecuários	1.418.354,5	1.623.816,8	14,5
Produtos do fumo	710.028,5	836.065,7	17,8
Produtos químicos	787.721,2	560.572,8	-28,8
Máquinas e equipamentos	507.234,2	540.047,6	6,5
Celulose e papel	493.509,7	478.062,3	-3,1
Veículos automotores, carrocerias e reboques	421.432,2	469.583,5	11,4
Couros e calçados	450.620,3	400.918,7	-11,0
Produtos de metal	289.808,6	279.502,7	-3,6
Produtos de borracha e plástico ...	145.409,9	149.471,7	2,8
Outros produtos	871.784,4	775.067,0	-11,1
VALOR TOTAL	8.369.291,8	8.526.703,1	1,9

Fonte: ComexStat (BRASIL, 2023).

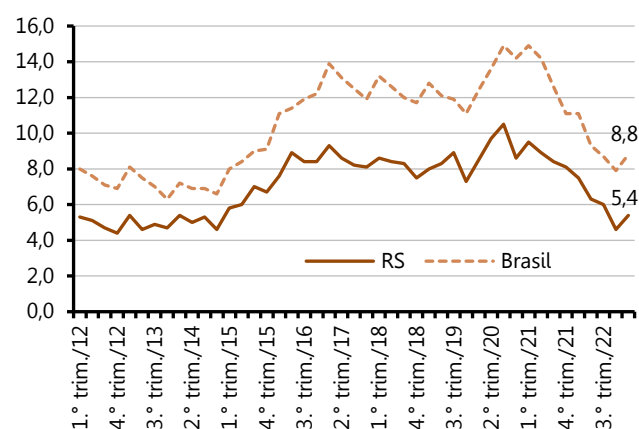
China, Estados Unidos e Argentina mantiveram-se nas três primeiras colocações entre os principais destinos das vendas externas do Estado de janeiro a maio de 2023. As exportações para a China, impulsionadas pela soja em grão, cresceram 13,9% em relação ao mesmo período do ano anterior. Para os Estados Unidos, o avanço foi de 2,5%, enquanto as vendas para a Argentina caíram 3,6%. Entre os 20 principais países importadores do Rio Grande do Sul, houve crescimento em 14 deles, com destaque para os aumentos dos embarques para Bangladesh (478,9%), Itália (51,3%), Indonésia (51,1%) e Coreia do Sul (46,6%).

3.3 MERCADO DE TRABALHO

No 1.º trim./2023, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), o número total de ocupados no mercado de trabalho do Rio Grande do Sul foi de 5.925 mil pessoas, apresentando estabilidade em relação ao trimestre imediatamente anterior. Já em relação ao mesmo trimestre de 2022, ocorreu um crescimento de 3,2% no total de ocupados, a oitava alta consecutiva nessa base de comparação. Em termos absolutos, houve aumento de 185 mil pessoas, sendo as maiores altas verificadas nas atividades da indústria geral (mais 107 mil pessoas)

e da construção (mais 49 mil pessoas). A taxa de desocupação do 1.º trim./2023 foi de 5,4%, resultado que representa uma estabilidade em relação ao trimestre anterior. Em relação ao 1.º trim./2022, no entanto, houve decréscimo de 2,1 pontos percentuais (**Gráfico 3.4**). A massa real de rendimentos do primeiro trimestre do ano apresentou queda de 3,2% em comparação com o último trimestre de 2022, mas aumento de 9,4% em relação ao mesmo trimestre de 2022. Nesta última base de comparação, pesaram positivamente os aumentos do número de ocupados e do rendimento médio real.

Gráfico 3.4 - Taxa de desocupação no Rio Grande do Sul e no Brasil — 1.º trim./2012-1.º trim./2023

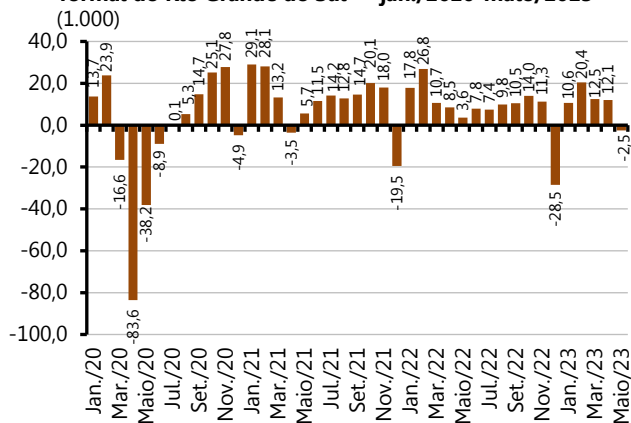


Fonte: PNAD Contínua (IBGE, 2023f).

Os saldos entre admitidos e desligados no mercado formal de trabalho do Estado, de acordo com o Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged), mantiveram-se positivos nos primeiros meses do ano. No acumulado de janeiro a maio de 2023, houve criação de 53.028 novos empregos, e, no acumulado dos últimos 12 meses (jun./2022 a maio/2023), o saldo foi de 85.375 empregos (**Gráfico 3.5**). Por atividade econômica, na base de comparação de 12 meses, os maiores saldos foram registrados nos serviços (44.858), no comércio (20.632) e na indústria de transformação (15.336).

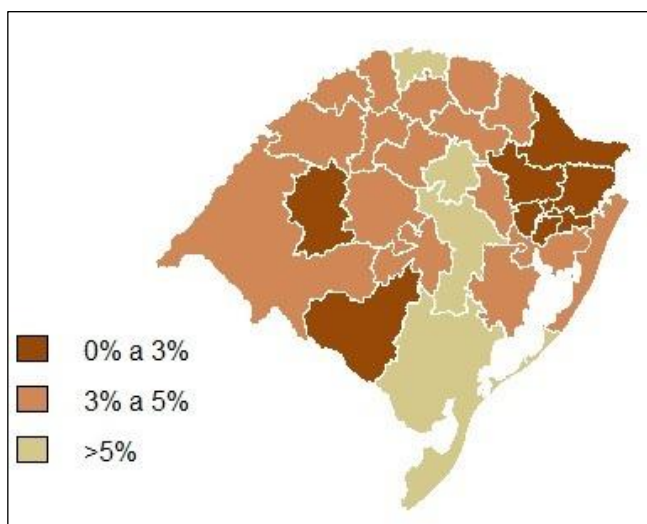
Em relação ao estoque de empregos de maio de 2022, a criação das 85.375 novas vagas representou um aumento de 3,3%. Regionalmente, todas as 28 regiões dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) do Estado apresentaram variações positivas do saldo em 12 meses sobre o estoque anterior (**Figura 3.1**). As maiores expansões relativas ocorreram nos Coredes Médio Alto Uruguai (8,8%), Alto da Serra do Botucaraí (8,4%), Sul (5,5%) e Vale do Rio Pardo (5,5%).

Gráfico 3.5 - Saldo entre admitidos e desligados no emprego formal do Rio Grande do Sul — jan./2020-maio/2023



Fonte: Novo Caged (BRASIL, 2023a).

Figura 3.1 - Variação do saldo em 12 meses entre admitidos e desligados sobre o estoque anterior no emprego formal nos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) do Rio Grande do Sul — maio/2023



Fonte: Novo Caged (BRASIL, 2023a).

Entre os 497 municípios gaúchos, houve variação positiva em 401. Nos 19 municípios com mais de 100 mil habitantes, as maiores altas ocorreram em Santa Cruz do Sul (6,6%), Canoas (6,4%), Passo Fundo (5,8%) e Gravataí (5,1%). Já entre os 56 municípios com população entre 30 mil e 100 mil habitantes, as maiores elevações relativas deram-se em Candelária (11,9%), Soledade (10,8%), Charqueadas (7,1%) e Canela (7,1%).

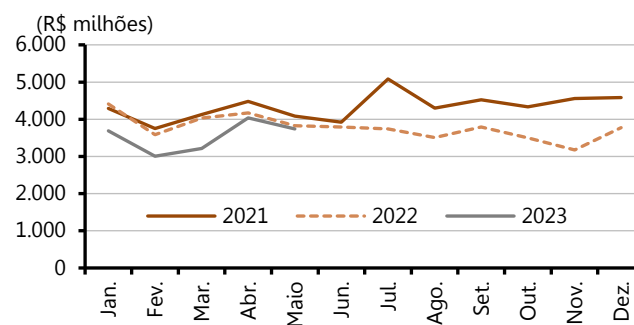
3.4 ARRECADAÇÃO DE ICMS

Entre janeiro e maio de 2023, o valor arrecadado com o ICMS no Rio Grande do Sul, a preços constantes de maio de 2023, alcançou R\$ 17.683,2 milhões, uma redução de 11,7% em relação ao montante arrecadado

no mesmo período do ano anterior (**Gráfico 3.6**). Setorialmente, houve variação positiva dos valores arrecadados nas atividades da agropecuária (1,4%), do comércio (10,0%) e de outros serviços (14,8%), mais do que compensadas pelas quedas ocorridas nas atividades da indústria de transformação (-15,2%), outras indústrias (-49,0%) e informação e comunicação (-34,0%).

A redução da produção industrial do Estado nesse período, conforme observada anteriormente, explica parte da queda da arrecadação do ICMS ligada ao setor. Entretanto, o resultado negativo teve como causa principal a redução das alíquotas dos segmentos de combustíveis, energia elétrica e telecomunicações, diminuídas por decreto estadual, de 30% para 25% e, posteriormente, pela Lei Complementar n.º 194/2022, aprovada pelo Congresso Nacional em junho de 2022, que reduziu as alíquotas de 25% para 17%.

Gráfico 3.6 - Arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICMS) no Rio Grande do Sul — 2021-2023



Fonte: Sefaz-RS/Dados Abertos (RIO GRANDE DO SUL, 2023).
Nota: Valores constantes a preços de maio/2023, corrigidos pelo IPCA.

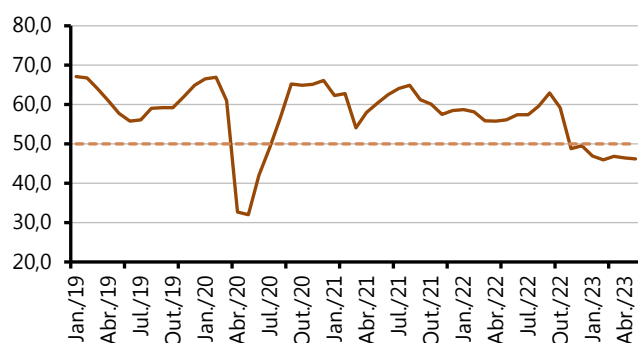
3.5 PERSPECTIVAS

Pelo lado da agropecuária, a perspectiva para o segundo trimestre do ano é de recuperação. A concentração da colheita da soja nesse período terá um impacto bastante positivo sobre a atividade, pois é o principal produto agrícola do Estado, e, segundo o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola do IBGE, a safra de 2023 da oleaginosa deve ser 38,9% maior que a do ano anterior.

Em relação à indústria de transformação e ao comércio, as perspectivas para os meses logo à frente permanecem desafiadoras. No primeiro caso, a tendência de queda contínua da produção, iniciada no começo de 2022, encontra um cenário de baixa confiança dos empresários industriais, como atesta o indicador da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (FIERGS) (**Gráfico 3.7**). No curto prazo, porém, espera-

se uma melhora da produção industrial gaúcha a partir da retomada da produção da Refap após a parada técnica. Dada a importância que essa atividade possui no setor industrial do Estado, a volta da produção de derivados de petróleo aos patamares anteriores significa um impulso importante na indústria gaúcha.

Gráfico 3.7 - Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI-RS) no Rio Grande do Sul — jan./2019-maio/2023

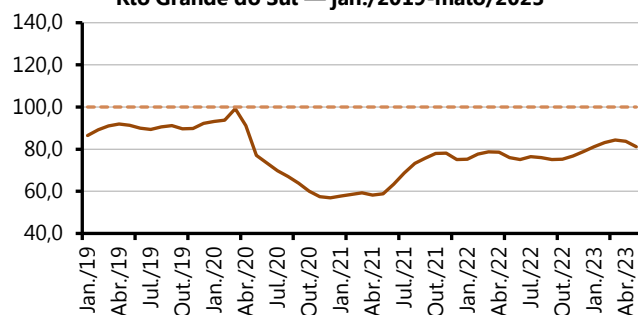


Fonte: FIERGS (2023).

Nota: O índice varia entre 0 e 100 pontos; valores acima de 50 pontos indicam otimismo.

Quanto ao comércio, embora as vendas dos primeiros quatro meses de 2023 estejam em níveis superiores aos do mesmo período do ano anterior, existe uma tendência de estabilidade desde junho de 2022. Em relação à intenção de consumo das famílias, apesar da alta recente, o indicador da Fecomércio-RS permanece indicando pessimismo por parte dos consumidores gaúchos (**Gráfico 3.8**).

Gráfico 3.8 - Intenção de consumo das famílias (ICF-RS) no Rio Grande do Sul — jan./2019-maio/2023



Fonte: Fecomércio RS (2023).

Nota: O índice varia entre 0 e 200 pontos; valores acima de 100 pontos indicam otimismo.

O setor dos serviços, o mais representativo da economia, continua crescendo no Estado, num movimento praticamente ininterrupto desde outubro de 2021. Entretanto, um ponto de atenção é a desaceleração das taxas na margem, o que pode indicar um cenário menos positivo.

PRINCIPAIS INDICADORES MENSAIS

Tabela A.1 - Principais indicadores econômicos do Rio Grande do Sul e do Brasil — dez./2022-maio/2023

	(%)					
DISCRIMINAÇÃO	DEZ/22	JAN/23	FEV/23	MAR/23	ABR/23	MAIO/23
Produção industrial						
Rio Grande do Sul						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	2,4	-4,4	-7,3	5,7	2,2	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	0,1	-7,7	-14,0	-6,3	-7,2	-
Acumulado em 12 meses	1,1	0,4	-0,3	-1,2	-1,7	-
Brasil						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,0	-0,3	-0,2	1,0	-0,6	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	-0,4	0,3	-2,4	0,9	-2,7	-
Acumulado em 12 meses	-0,7	-0,2	-0,2	0,0	-0,2	-
Comércio varejista ampliado						
Rio Grande do Sul						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,7	1,7	3,1	-4,2	0,5	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	3,2	9,2	6,6	3,2	-2,3	-
Acumulado em 12 meses	3,7	4,4	4,7	4,0	3,5	-
Brasil						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	1,0	0,6	1,9	3,7	-1,6	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	-0,6	0,7	0,0	8,8	3,1	-
Acumulado em 12 meses	-0,6	-0,4	-0,5	-0,2	0,0	-
Serviços						
Rio Grande do Sul						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,7	-0,3	-1,2	2,7	-0,6	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	8,2	10,9	5,4	6,4	5,3	-
Acumulado em 12 meses	11,3	11,3	10,6	9,3	8,6	-
Brasil						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	2,7	-3,4	0,8	1,4	-1,6	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	6,0	5,2	4,8	6,5	2,7	-
Acumulado em 12 meses	8,3	7,9	7,7	7,3	6,8	-
Preços						
IPCA-Região Metropolitana de Porto Alegre						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,56	0,23	0,75	1,25	0,49	0,08
Acumulado em 12 meses	3,61	4,40	4,74	4,37	3,71	3,31
IPCA						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,62	0,53	0,84	0,71	0,61	0,23
Acumulado em 12 meses	5,79	5,77	5,60	4,65	4,18	3,94
IGP-DI						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,31	0,06	0,04	-0,34	-1,01	-2,33
Acumulado em 12 meses	5,01	3,00	1,52	-1,17	-2,57	-5,49

Fonte dos dados brutos: Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IBGE, 2023).
 Pesquisa Industrial Mensal (IBGE, 2023c).
 Pesquisa Mensal do Comércio (IBGE, 2023d).
 Pesquisa Mensal dos Serviços (IBGE, 2023e).

REFERÊNCIAS

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Sistema Gerenciador de Séries Temporais - v2.1.** Brasília, DF: BCB, 2023. Disponível em: <https://www3.bcb.gov.br/sgspub/localizarseries/localizarSeries.do?method=prepararTelaLocalizarSeries>. Acesso em: 20 jun. 2023.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Sistema de Expectativas de Mercado.** Brasília, DF: BCB, 2023a. Disponível em: <https://www3.bcb.gov.br/expectativas/publico/consulta/serieestatisticas>. Acesso em: 29 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Economia. Secretaria Especial de Comércio Exterior e Assuntos Internacionais. **COMEX STAT.** Brasília, DF: Ministério da Economia, 2023. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acesso em: 26 jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Economia. Secretaria Especial de Previdência e Trabalho. **Painel de informações do Novo CAGED:** abril 2023. Brasília, DF: Secretaria Especial de Previdência e Trabalho, 2023a. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjojNWl1NWl0ODFtYmZiYy00Mjg3LTkzNWUtY2UyYjIwMDE1YWl2IiwidCI6IjNlYzkyOTY5LTVhNTFtNGYxOC04YWw5LWVmOThmYmFmYTk3OCJ9>. Acesso em: 26 jun. 2023.

EMATER/RS. **Cotações agropecuárias.** Porto Alegre: Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul, 2023. Disponível em: http://www.emater.tche.br/site/info-agro/precos_semanais.php#.YMql1ahKjIU. Acesso em: 26 jun. 2023.

FECOMÉRCIO RS. **Intenção de consumo das famílias gaúchas.** Porto Alegre: Federação do Comércio de Bens e de Serviços do Estado do Rio Grande do Sul, 2023. Disponível em: <https://www.fecomercio-rs.org.br/documentos/publicacoes>. Acesso em: 23 jun. 2023.

FIERGS. **Índice de confiança do empresário industrial.** Porto Alegre: Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul, 2023. Disponível em: <https://www.fiergs.org.br/numeros-da-industria/indice-de-confianca-do-empresario-industrial>. Acesso em: 23 jun. 2023.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática:** Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/7060>. Acesso em: 23 jun. 2023.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática:** Índice de Preços ao Produtor. Rio de Janeiro: IBGE, 2023a. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/ipp/tabelas>. Acesso em: 29 jun. 2023.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática:** Levantamento Sistemático da Produção Agrícola. Rio de Janeiro: IBGE, 2023b. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/lspa/tabelas>. Acesso em: 23 jun. 2023

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática:** Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física Regional. Rio de Janeiro: IBGE, 2023c. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pim-pf-regional/tabelas>. Acesso em: 23 jun. 2023.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática:** Pesquisa Mensal de Comércio. Rio de Janeiro: IBGE, 2023d. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pmc/tabelas>. Acesso em: 23 jun. 2023.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática:** Pesquisa Mensal de Serviços. Rio de Janeiro: IBGE, 2023e. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pms/tabelas>. Acesso em: 23 jun. 2023.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática:** Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua - Divulgação Trimestral — 1.º trimestre de 2023. Rio de Janeiro: IBGE, 2023f. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/pnadct/brasil>. Acesso em: 23 jun. 2023.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática:** Sistema de Contas Nacionais Trimestrais - referência 2010 — 1.º trimestre 2023. Rio de Janeiro: IBGE, 2023g. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/cnt/brasil>. Acesso em: 23 jun. 2023.

IPEA. **Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada:** Carta de conjuntura. Brasília: IPEA, 2023. Disponível em:
https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/wp-content/uploads/2023/05/230531_nota_17.pdf. Acesso em: 29 jun. 2023.

OECD. **Quarterly GDP.** Disponível em:
<https://stats.oecd.org/>. 2023. Acesso em: 23 jun. 2023.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Fazenda. **Receita dados.** Porto Alegre: SEFAZ, 2023. Disponível em:
<http://receitadados.fazenda.rs.gov.br/paineis/arrecadacao/>. Acesso em: 23 jun. 2023.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria do Planejamento, Governança e Gestão. Departamento de Economia e Estatística. **PIB RS trimestral.** Porto Alegre: SPGG/DEE, 2023a. Disponível em:
<https://dee.rs.gov.br/pib-trimestral>. Acesso em: 23 jun. 2023.

WORLD BANK. **Global economic prospects,** June 2023. Washington, DC: World Bank, 2023.

WORLD BANK. **World Bank commodity price data.** Washington, DC: World Bank, 2023a.



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL